



Cesário Verde

1855-1886



Cesário Verde nasceu em Lisboa, no dia 25 de fevereiro de 1855. Filho de um comerciante, frequentou o curso superior de Letras, mas apenas por alguns meses. Foi durante esse período que conheceu o escritor Silva Pinto, responsável pela publicação da obra *O Livro de Cesário Verde*, em abril de 1887. Começou por publicar os seus primeiros versos no “Diário de Notícias de Lisboa” e, posteriormente, em alguns periódicos. Morreu ainda jovem, aos 31 anos de idade, vítima de tuberculose.

“Cesário Verde ensinou a poesia de respirar, de caminhar, de ver com amor, ingenuamente, sem prevenções, tudo quanto a vida nos oferece. (...) e a poesia do trabalho útil (...) e uma linguagem nova, de seiva burguesa e popular, rica de termos concretos, bastante dúctil e atrevida, para sugerir a mistura de sensações e as rápidas interferências do físico e do anímico, uma linguagem impressionista e fantasista e ao mesmo tempo, nervosa, sacudida e coloquial.”

COELHO, Jacinto Prado. *Problemática da História Literária*. Lisboa: Edições Ática, 1961, pp. 184-185

Manias

“O mundo é velha cena ensanguentada,
Coberta de remendos, picaresca;
A vida é chula farsa assobiada,
Ou selvagem tragédia romanesca.

Eu sei um bom rapaz, -- hoje uma ossada, --
Que amava certa dama pedantesca,
Perversíssima, esquálida e chagada,
Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a deia já rugosa,
Concedia-lhe o braço, com preguiça,
E o dengue, em atitude receosa,

Na sujeição canina mais submissa,
Levava na tremente mão nervosa,
O livro com que a amante ia ouvir missa!”

Cesário Verde



Nós

“Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.
Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas
(Até então nós só tivéramos sarampo),
Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas
que ele ganhou por isso um grande amor ao campo! (...)”

Cesário Verde

Ave-Marias

“Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba-me;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.”

Cesário Verde



Fontes bibliográficas

ENSINA RTP(2010). *Grandes Livros: O Livro de Cesário Verde* (Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/o-livro-de-cesario-verde/>) [Consultado em 22/02/2019]

CITADOR (2003). *Cesário Verde*. Disponível em <http://www.citador.pt/poemas/a/cesario-verde>. [Consultado em 22/02/2019]

ARAÚJO, Filipe (2006). *Cesário Verde*. Disponível em <https://www.infoescola.com/biografias/cesario-verde/>. [Consultado em 22/02/2019]

REAL, Miguel (2019). *O Livro de Cesário Verde*. Disponível em <https://www.e-cultura.sapo.pt//artigo/20012>. [Consultado em 22/02/2019]

COELHO, Jacinto Prado. *Problemática da História Literária*. Lisboa: Edições Ática, 1961, pp. 184-185